

## Editorial / Editorial

---



Alguns esforços editoriais marcaram recentemente a trajetória da *Educação*, na perspectiva de adensar sua qualidade. Entre eles, a busca de novos indexadores, que traz, não só o benefício do processo de avaliação externa, sinalizando para novos critérios editoriais, como também acarreta o reconhecimento da comunidade científica. Nessa perspectiva, com muita satisfação, comunicamos aos nossos leitores que, a partir de julho de 2013, nosso periódico foi indexado pela Educ@, uma “biblioteca virtual” que oferece um “amplo acesso a coleções de periódicos qualificados na área de educação”. Essa indexação é resultado de diversas ações dirigidas à melhoria editorial, mas em muito dependeu da qualidade do trabalho de pesquisadores que nos procuram, tanto na forma de submissão individual de artigos como na forma de dossiês, selecionados por edital público. Igualmente merece destaque a dedicação do Conselho Editorial e da equipe de apoio no trabalho sensível e cuidadoso de seleção e avaliação dos artigos.

Essa nova indexação amplia a responsabilidade, pois exige atenção, vigilância e “faro para relevâncias” – expressão tomada de empréstimo de Habermas – de modo a viabilizar a publicação de textos de qualidade condizentes com elevadas expectativas editoriais. A relevância aqui se expressa, sobretudo, naquelas discussões teóricas que tem potência explicativa e dão visibilidade às questões que até então não haviam sido percebidas. É no sentido de destacar temas que reivindicam esse espaço de discussão que o presente número abre com o artigo *Fenomenologia cultural – Corporeidade: agência, diferença sexual, e doença*, de Thomas Csordas, experiente pesquisador americano em antropologia fenomenológica, que renova a interpretação de corporeidade. Investiga a noção de agência em Merleau-Ponty, Bourdieu e Foucault e da diferença sexual nas teorias feministas em Luce Irigaray, Julia Kristeva e Maxine Sheets-Johnstone para situar a corporeidade no campo da *fenomenologia cultural do Self*, indicando as potencialidades dessa abordagem teórico-metodológica para o campo das ciências humanas.

Analice Dutra Pillar, no artigo *Inscrições do contemporâneo em narrativas audiovisuais: simultaneidade e ambivalências*, discute as produções audiovisuais da arte contemporânea e o papel do ensino da arte na análise destas narrativas. Valendo-se da abordagem teórico-metodológica da semiótica discursiva e do ensino da arte sobre leitura de imagens, a autora analisa a videoarte *Para Dentro* e a leitura desse trabalho por um grupo de crianças. Conclui pela necessidade de reflexão sobre narrativas audiovisuais contemporâneas e sobre as possibilidades do ensino de artes na compreensão da visão de mundo contemporânea.

Quatro artigos investigam as complexas relações entre filosofia e educação. Angelo Vitória Cenci, em *Individualização e reconhecimento* retoma o tema clássico da formação humana, explorando o paradoxo entre “o individualismo da autorrealização contemporâneo e as perspectivas emancipatórias abertas pela ideia de liberdade comunicativa”, a partir da teoria do reconhecimento de Axel Honneth. Defende a possibilidade do conceito honnethiano de liberdade comunicativa oferecer “importantes elementos” para pensar o âmbito da formação humana para além do referido paradoxo. Sinésio Bruno detém-se na relação entre filosofia e educação a partir da problematização dialética do tema da diferença, de acordo com os conceitos da teoria crítica. Aponta não só a recepção negativa referida à produção de estereótipos e preconceitos de natureza étnica, racial e de gênero, como também sua recepção positiva visível nos movimentos sociais de esquerda e nos meios acadêmicos. Por fim, problematiza a recepção da diferença a partir do pensamento de Theodor Adorno, em sua *Dialética Negativa*, “como possível via de mediação entre a particularidade empírica e a universalidade conceitual”. Maurício João Farinon analisa, no artigo *A educação e o desafio ético do plasmar linguístico*, a relação entre filosofia e educação a partir do tema da alteridade,

interpretado pela contribuição de Adorno e Gadamer no entrelaçamento dos argumentos provindos de obras literárias de Antelme e Malroux. Destaca a presença do outro como “impulso” para pensar o ato educativo, defendido como “o espaço do plasmar da linguagem”, que exige a ruptura com dinâmica de individualização. Conclui pela importância das instituições de ensino estabelecer vínculos e relações éticas, que considerem o cuidado de si e do outro. Lúcia Schneider Hardt retoma a relação entre filosofia e educação no artigo *A educação em Nietzsche e o enfrentamento das totalidades*, mostrando o quanto a educação encontra-se comprometida com a redenção e o idealismo. Investiga a categoria “totalidade” no campo educacional, a partir da contribuição de Nietzsche, para mostrar que, em qualquer “metanarrativa pedagógica, fica presente um pensamento dicotômico que sobrevive definindo opostos e estabelecendo procedimentos para abrigar uma verdade compreendida como a mais adequada”. Defende uma formação que considere “outras variáveis tais como o rigor, a excelência, a aridez dos processos, a peleja”.

Maria do Socorro Alencar Nunes Macedo e Ageu Mazilhão Filho detêm-se na discussão prática da educação com o artigo *Práticas de alfabetização com o método ‘si yo puedo’ em assentamento do MST*. Analisam o método de alfabetização com base nos Novos Estudos sobre Letramento de modo a ressignificar o conceito de alfabetização. Discutem os limites de uma alfabetização entendida como uma técnica neutra e defendem a escrita como objeto social e cultural.

A discussão do cinema como uma pedagogia cultural é desenvolvida por Angela Dillmann Nunes Bicca e Maria Lúcia Castagna Wortmann no artigo *Olhando o presente a partir do futuro: a pedagogia do cinema de ficção científica*. As autores indicam o processo contemporâneo de esboroamento dos limites entre humano e máquinas e “a perturbadora semelhança” entre ambos, representadas nos filmes analisados como criaturas ciborgues, pós-humanas e pós-orgânicas. Indicam também as questões a isso vinculadas, tais como proliferação do lixo tecnológico e humano nas sociedades “do futuro” e os novos modos de controle.

Débora Cristina Piontto e Maria Alice Nogueira, no artigo *Inclusão vista por dentro: a experiência via Includsp*, discutem a experiência de inclusão de estudantes que ingressaram na USP por meio do Includsp (Programa de Inclusão Social da USP), destacando suas dimensões subjetivas. Concluem pela importância da “consideração da dimensão subjetiva nas pesquisas e na formulação de políticas de ações afirmativas”.

*O que acontece no meio?* é o sugestivo título do artigo, em que Gabriel Dummer Camargo e Lisete Regina Bampi problematizam os “caminhos que se perfazem desde o suposto ponto inicial de algum aprender até o objeto final”, através da inspiração deleuziana. Apontam paradoxos e encontros hieroglíficos que se vislumbram nesse infinito *meio* e que conduz o aprendizado para além das expectativas esperadas, pois se sustenta na decifração de signos, repletos de sentidos.

Nicolás José Isola discute, no artigo *Profesión académica en educación. Entre el compromiso, la política y la ciencia (1973-1976)*, as repercussões políticas que influenciaram a formação profissional no campo da educação na Argentina, especialmente no que tange ao período da ditadura militar. Aponta o entrecruzamento entre os acontecimentos políticos imediatos e as características necessárias à cientificização da profissão.

A inserção da formação no projeto político pedagógico da escola é analisada por Renata Cristina Oliveira Barrichelo Cunha e Cláudia Beatriz de Castro Nascimento Ometto no artigo *O trabalho coletivo na escola: o projeto político-pedagógico como pauta de formação*. As autoras realizam pesquisa empírica junto as equipes gestoras de quatro unidades de ensino de uma rede pública municipal do interior do estado de São Paulo e problematizam a formação de professores realizada nos horários de trabalho pedagógico coletivo (HTPCs) como instâncias de produção e aprofundamento do projeto político-pedagógico (PPP). Concluem que há esforços para promover a participação de todos, mas há também a falta de condições de trabalho que sustentem e contribuam com a articulação de todos os membros das escolas.

A questão da educação a distância é abordada por Sônia Dondonis Daudt e Patricia Alejandra Behar no artigo *A gestão de cursos de graduação a distância e o fenômeno da evasão*. As autoras discutem o gerenciamento dos cursos de graduação a distância, apontando os aspectos que assumem relevância para enfrentar a evasão universitária em cursos *on-line*. Concluem que, a despeito do conhecimento do conteúdo ou da tecnologia necessários à condução do processo, a capacidade de

estabelecer uma comunicação afetiva com os estudantes constitui o perfil desejado para professores e tutores.

Por fim, este número traz duas resenhas. A primeira delas, de Ana Isabel Brasil e Candido Alberto Gomes, apresenta o livro **Lectures contemporaines de la crise de l'éducation**. Paris: L'Harmattan, de Franck Giol, a partir de estudo das mais importantes revistas francesas de educação, apontando as principais dificuldades e as soluções propostas. Christina Pereira Silva faz a resenha o livro **A educação em tempos de globalização neoliberal**: os novos modos de regulação das políticas educacionais, de António Teodoro, que discute os sistemas atuais da educação e suas incertezas diante de um contexto de globalização.

Esperamos que a leitura dos textos oportunize um momento profícuo do ponto de vista intelectual e acadêmico.

NADJA HERMANN